

ENCONTROS COM A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO EM TÓQUIO E PEQUIM

Maria Clotilde Rossetti Ferreira *
*Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto — Universidade de São Paulo*

RESUMO - O IX Congresso Bienal da International Society for the Study of Behavioural Development (ISSBD) foi realizado em Tóquio, em julho de 1987. Vários dos participantes encontraram-se logo a seguir em Pequim, na "China Satellite ISSBD Conference" organizada com o auxílio da Sociedade Chinesa de Psicologia. Esses congressos propiciaram um contato com as pesquisas recentes sobre desenvolvimento humano não apenas no Japão e na China, mas em todo o mundo. Além disso, possibilitaram conhecer estas duas culturas fascinantes, sua história, costumes e monumentos. As realizações e o potencial do povo japonês e chinês e seu alto investimento científico e tecnológico em Psicologia, estão a exigir que nos mantenhamos atentos para sua produção científica nos próximos anos.

MEETINGS WITH DEVELOPMENTAL PSYCHOLOGY IN TOKIO AND BEIJING

ABSTRACT - The IX Biennial Meeting of the International Society for the Study of Behavioural Development (ISSBD) took place in Tokyo, Japan, in July 1987. The conference had been planned to take place in conjunction with a post-conference workshop on human development in collaboration with the Chinese Psychological Society in Beijing, China. The meetings provided the opportunity to become acquainted with the latest research on human development not only in Japan and China, but around the world. Moreover, it allowed a first and extremely interesting contact with these two fascinating cultures, their history, customs and monuments. The powerful achievements and potential of the Japanese and Chinese people and their high scientific and technological investments in psychological research foretell their future progress in this area of knowledge.

* A autora agradece o auxílio do CNPq e da FAPESP que possibilitaram a realização desta viagem e contribuíram para o desenvolvimento dos trabalhos apresentados.

Em julho de 1987 tive a oportunidade de participar de dois Congressos da International Society for the Study of Behavioural Development (ISSBD)**. Trata-se de uma sociedade internacional com sede na Holanda, organizada ao final da década de 60 por cientistas europeus e americanos a fim de reunir estudiosos do desenvolvimento humano a partir de uma perspectiva do ciclo vital (Life Span).

A ISSBD cresceu muito nos últimos anos, abrangendo grande número de sócios de várias regiões do mundo.

Constitui atualmente a sociedade de mais alto status científico na área, tendo como única contrapartida a SRCD (Society for Research in Child Development), dedicada ao desenvolvimento infantil e com uma composição de sócios quase que exclusivamente norte-americana.

AIX Reunião Bienal da ISSBD foi realizada em Tóquio com a participação de mais de 800 delegados de mais de 40 países, dentre os quais vários dos grandes nomes na Psicologia do Desenvolvimento.

Esta foi, sem dúvida alguma, a conferência mais bem organizada de que participei, com os eventos ocorrendo exatamente no horário e local previsto, perturbados apenas por um tremor de terra um pouco mais intenso no terceiro dia... Cabe esclarecer que pequenos tremores de terra são corriqueiros no Japão, ocorrendo várias vezes ao dia.

Quanto à boa organização do Congresso, houve rumores de que cada docente de Psicologia em Tóquio foi convocado para ficar à disposição do Congresso durante sua realização. A todo momento e em cada local podia-se comprovar sua total dedicação. Um jovem docente japonês contou-nos que saía de casa todas as manhãs às 5:30 horas para evitar a hora do engarrafamento, a fim de chegar à mesa de recepção da ISSBD às 8 horas da manhã!

As atividades programadas foram múltiplas e diversificadas, variando de aulas magnas sobre o estado da arte em diferentes áreas, simpósios e sessões de painéis que permitiam ampla discussão dos trabalhos apresentados. Além disso, houve exposições regionais de pesquisas e projetos desenvolvidos em países do Sudeste Asiático, no Japão, China e Finlândia (local da próxima Conferência em 1989), e visitas programadas para os participantes a escolas, creches, instituições para idosos e excepcionais. Foram também programados vários eventos sociais, com apresentações de costumes e rituais no Japão.

Pena não ter sido possível assistir a todas essas atividades. Pude participar apenas de algumas, pois, na condição de membro do Comitê Executivo da ISSBD, tive de comparecer a uma série de reuniões extras antes e durante a Conferência. Mesmo assim deu para assistir a excelentes apresentações e trocar idéias com vários pesquisadores trabalhando em áreas afins.

Em termos de participação pessoal, coordenei o simpósio sobre "Intervention in early childhood", no qual apresentei o trabalho "An ecological approach to intervention in early childhood", feito em colaboração com Mara Ignez Campos de Carvalho e Alain Legendre (Laboratoire de Psychobiologie de l'En-

** A ISSBD aceita a inscrição como sócio de psicólogos ou outros estudiosos do desenvolvimento humano. A taxa anual é de 50 dólares com direito a participar das reuniões científicas e a receber a Newsletter e o International Journal of Behavioural Development (IJBD). Uma taxa de 10 dólares pode ser requerida por candidatos de países menos afluentes ou com dificuldades de divisas como o nosso, que deixarão de receber o IJBD, conservando os demais direitos. Os pedidos de inscrição devem ser encaminhados a: Richard M. Laner - College of Health and Human Development, Pennsylvania State Univ. University Park, PA 16802, U.S.A.

fant, Paris).O debate dor foi Dr. Urie Bronfenbrenner que estimulou uma discussão bastante interessante sobre os quatro trabalhos apresentados.

Duas outras psicólogas brasileiras participaram da Conferência, ambas da Universidade Federal de Pernambuco.

Terezinha Nunes Carraher coordenou, junto com Peter Bryant de Oxford, Inglaterra, um simpósio sobre "Mathematical Concepts: learning and development in cross-cultural perspective" e foi debatedora em outro simpósio sobre "The children's understanding of the concept of life: a new look at animistic thought in the cross-cultural perspective".

Maria Conceição Lyra apresentou juntamente comigo um painel sobre seu trabalho de doutoramento da USP: "Dialogue and the construction of the mother-child dyad".

O fato do Congresso ser no Japão possibilitou um primeiro contato com a produção japonesa em Psicologia do Desenvolvimento, a qual tem crescido muito nos últimos anos.

Essa produção pareceu-me particularmente rica na área de Desenvolvimento do Bebê ("Infant Development"), tanto no que diz respeito à teoria do apego, conforme proposta originalmente por John Bowlby, como no que diz respeito ao desenvolvimento perceptual e cognitivo do bebê. Os pesquisadores japoneses estão utilizando equipamentos de vídeo associados a microcomputadores que permitem análises extremamente sofisticadas. Os trabalhos dirigidos por Dr. Kobayishi, Professor de Pediatria da Universidade de Tóquio, exemplificam o uso inovador desse novo tipo de tecnologia. Trata-se de um grupo interdisciplinar envolvendo pediatras, psicólogos, engenheiros e especialistas em computação. O grupo procura utilizar a capacidade de processamento de informações dos novos equipamentos eletrônicos de forma extremamente criativa. Por exemplo, uma câmera de vídeo sensível ao calor está sendo utilizada para detectar diferentes emoções associadas a modificações do fluxo sanguíneo periférico na face. Eles demonstraram que a testa e o nariz do bebê esfriam quando a mãe interrompe sua interação com a criança. Esse padrão de fluxo sanguíneo periférico constitui um sinal de stress em adultos. Em outra pesquisa, o grupo adotou técnicas de vídeo-computação automatizadas para medir a correlação entre os movimentos do bebê e as estruturas rítmicas da fala do adulto. Uma apresentação geral das pesquisas japonesas sobre desenvolvimento foi feita por Azuma (1982) e Stevenson, Azuma & Hakuta (1986).

Acho que de agora em diante teremos de nos manter atentos para as publicações japonesas, pois importantes progressos deverão ocorrer nos próximos anos, dado o alto investimento científico e tecnológico dos japoneses em psicologia.

O esquema de participação dos japoneses no Congresso impressionou-me bastante. Cada departamento, instituto ou laboratório preparou-se para conversar com alguns dos grandes especialistas que vieram a Tóquio. O Professor Titular, que lá tem a autoridade do nosso antigo catedrático, distribuiu antecipadamente textos e artigos desses autores para serem estudados por seus assistentes. Segundo contaram-me H. e M. Papousek, marcaram com eles um encontro à parte, e discutiram em profundidade seus trabalhos, demonstrando conhecer permenores de suas publicações mais recentes. Por outro lado, era muito raro ouvir alguma pergunta, comentário ou aparte de japoneses nas sessões públicas. Uma intervenção desse tipo, em sua cultura, pode ser considera-

da ofensiva ao palestrante, pois sugere que sua fala não foi bem recebida ou entendida...

Nos últimos anos tem sido desenvolvidos vários estudos transculturais envolvendo sobretudo pesquisadores norte-americanos, ingleses e japoneses. Por exemplo, as diferenças na aprendizagem de leitura do Kanji por crianças japonesas, e do alfabeto ocidental por crianças inglesas, estão sendo exploradas a fim de descobrir os fatores envolvidos na dislexia, síndrome aparentemente inexistente no Japão.

Vale aqui comentar um painel apresentando o sistema educacional japonês. A maioria das crianças permanece na escola até 18 anos e aproximadamente 40% vão para a Universidade. O desempenho médio em matemática de uma criança japonesa de 8 anos equivale ao de crianças americanas ou inglesas de 12 anos. A criança japonesa passa mais horas na escola e, além disso, estuda em casa à noite. Habitualmente as mães japonesas se envolvem bastante nos estudos dos filhos, supervisionando-os diretamente.

A estrutura familiar japonesa pareceu-me ser muito diferente da nossa, aproximando-se mais das famílias de nossos avós. Fascinou-me aliás o contraste que observei no Japão entre um sistema capitalista no seu apogeu, com incríveis avanços tecnológicos e, por outro lado, uma estrutura social e familiar extremamente tradicional e conservadora, conforme analisada em algumas apresentações do Congresso. Ao procurar refletir sobre esse contraste, ocorreu-me que ele possa até ter contribuído para o desenvolvimento do capitalismo no Japão. Uma discussão mais aprofundada a respeito, contudo, não cabe no presente artigo.

Predomina na cultura japonesa uma rígida divisão de papéis sexuais, com a mulher dominando a área do privado, onde o marido é tratado quase que como hóspede, e o homem desempenhando seu papel fora de casa, com pouco contato com os filhos.

Vínculos e relações mais intensas existem entre pais e filhos, particularmente entre mãe e filhos. Há pouca atividade social, de companheirismo, no casal, que raramente sai junto para algum programa ou diversão.

Por outro lado, há pouca independência entre as relações de trabalho e a vida familiar. O empregado em uma firma passa a fazer parte como que de um feudo, de uma grande família, da qual participa também sua célula familiar. Separações do casal são extremamente raras e podem prejudicar seriamente o indivíduo em seu trabalho. Quando ocorrem, a causa mais freqüentemente alegada é a de incompatibilidade entre sogra e nora. O casamento é relativamente tardio, com os homens se casando em torno de 30 anos e mantendo ainda uma relação bastante próxima com a mãe.

Parece ainda haver grande pressão contra o trabalho feminino fora do lar a partir do momento em que tem um filho. É esperado que ela cuide intensamente de sua educação. Elas próprias têm uma educação aprimorada, muitas vezes em colégios e Universidades femininas. Parece-me que deslocam sua realização e investem o máximo no sucesso do filho. Sobre o adolescente ou jovem que fracassa em um exame, recai uma responsabilidade imensa, a de ter traído os anseios da família. Este fato talvez ajude a explicar o alto índice de suicídios entre escolares japoneses cada vez mais jovens.

Pude observar a pressão do papel feminino também no Comitê Executivo. A secretária geral do Congresso, pesquisadora e docente de alto nível, extrema-

mente eficiente, não se sentou à mesa de reuniões em momento algum. Ficou de pé, à disposição do "chairman" do Congresso durante todas as reuniões, ajudando a atender aos membros do Comitê em suas necessidades. Mesmo no momento do almoço, ela apenas ajudou a servir, não participando da refeição conosco. Posso dizer que as três mulheres participantes do Comitê, comodamente sentadas e servidas, não se sentiram muito a vontade na situação. Ela mesma comentou comigo os preconceitos e dificuldades que teve de enfrentar para continuar trabalhando com dois filhos.

Tenho um pouco de receio de tecer comentários a respeito de uma cultura tão complexa e diferente da nossa a partir de um contato tão breve e de algumas conversas com congressistas que moraram por um ou mais anos no Japão. Pareceu-me, aliás, que em alguns estudos transculturais esse cuidado não era respeitado. Vários desses estudos focalizavam a questão do apego, utilizando freqüentemente o teste da Situação Estranha de Ainsworth e colaboradores (1978) como instrumento de investigação que, a partir da classificação das crianças e das mães em tipos, permite antever diferentes aspectos do equilíbrio e ajustamento psicológico futuro da criança. Ora esse instrumento foi desenvolvido a partir de estudos com famílias nucleares americanas e eventualmente inglesas e canadenses e seu emprego com populações onde existe outro tipo de estrutura familiar deve ser feito de forma extremamente cuidadosa. Essas medidas podem ter um significado completamente diverso em culturas e em redes sociais e familiares de apoio diferentes (Para uma revisão crítica vide Rossetti Ferreira, 1986). As discussões a respeito dos resultados obtidos no Japão e em outros países evidenciavam a falta desse espírito crítico. Acho que os psicólogos em geral tem ainda muito a aprender com antropólogos e etnógrafos. Em estudos transculturais, a participação desses profissionais deveria ser obrigatória.

Esse viés etnocêntrico apareceu de forma mais intensa ainda nas discussões sobre "o problema do filho único" na China, particularmente durante o Congresso de Pequim. Como se o ser "filho único" significasse a mesma coisa, definisse o mesmo contexto de socialização, pudesse acarretar idênticos problemas, em uma família nuclear em Londres ou Nova York, uma criança de favela no Brasil e um chinês em Pequim...

Já que falamos na China, cabe agora caminhar para lá, deixando atrás o mundo do futuro de Tóquio e do Japão, onde o impacto tecnológico é sentido a cada momento, nos imensos anúncios eletrônicos, nos trens pontuais e impecáveis. A multidão é imensa, pacífica, ordeira, elegante e bem vestida. Gestos e posturas rituais parecem mediar o relacionamento entre as pessoas. Jardins, museus, templos e palácios oferecem várias alternativas de passeio a quem visita esta sociedade de alto consumo, cuja população é obviamente afluyente. A visita a Nara, Kyoto e Nikko permitiu-me ter contato com o fascinante passado feudal japonês descrito em Xogum.

Surpreendeu-me muito saber, através de uma doutora chinesa da Universidade de Pequim com quem viajei à Nikko, que os chineses encaram os japoneses como um povo recém-civilizado, de novos ricos, cuja cultura é muito mais recente e freqüentemente copiada dos chineses. De fato, arquitetos japoneses planejaram a cidade de Kyoto a partir do traçado de Xian, antiga capital do império chinês. Foram a Xian expressamente para tirar o molde! O mesmo ocorreu com vários templos japoneses que são cópia de templos chineses mais antigos.

A visita à China constituiu para mim um dos maiores atrativos desta viagem, AISSBD e a Academia Chinesa de Ciências promoveram conjuntamente a "China Satellite ISSBD Conference", realizada em Pequim (Beijing em chinês) de 20 a 25 de julho, com a participação de aproximadamente 75 cientistas ocidentais e japoneses e igual número de cientistas chineses.

A Conferência da China teve um outro caráter. Foi uma das primeiras reuniões científicas em Psicologia realizada na China nas últimas décadas. Esse evento evidencia o grande investimento chinês na área da Psicologia do Desenvolvimento. Dada a política de controle de natalidade, traduzida pela norma de um filho por família, os chineses sentem-se na obrigação de investir o máximo para garantir um desenvolvimento saudável tanto físico como psicológico de suas crianças. A revolução cultural da década de 60-70 parece ter atingido particularmente o campo da Psicologia, considerada como ciência burguesa. Houve um desvio dos profissionais da área para trabalhos braçais, provocando um hiato na formação de quadros competentes. Hiato que eles estão tentando recuperar através de um investimento maciço na formação de pessoal técnico e docente e da criação de Institutos de Pesquisa sobre Desenvolvimento Infantil. Tratam-se de centros multidisciplinares, com três divisões de pesquisa: nutrição infantil; crescimento infantil e psicologia infantil e educação. Nós tivemos a oportunidade de visitar o "Child Development Centre of China" de Pequim, construído com o auxílio da UNICEF e extremamente bem equipado. Pudera, custou 8 milhões de dólares! Fomos recebidos no prédio pela esposa do Chairman Lin Pião, o que atesta a importância atribuída pelo governo chinês à Conferência e à pesquisa sobre desenvolvimento infantil.

As condições nas Universidades, entretanto, são bem mais modestas, com o pessoal enfrentando dificuldades semelhantes às nossas a fim de desenvolver um trabalho sério de pesquisa.

As apresentações chinesas durante o Congresso foram poucas e consistiam basicamente em replicações de estudos ocidentais (Liu Fan, 1982, apresenta um sumário sobre Psicologia do Desenvolvimento na China). O interesse dos chineses nas várias apresentações e discussões, no entanto, era imenso, com uma participação feminina muito maior do que aquela observada no Japão.

Os chineses me pareceram extrovertidos e assertivos, com um contato social mais direto e menos ritualizado tanto entre os colegas do Congresso como na população em geral.

Observando-os, tem-se a impressão de uma população camponesa extremamente homogênea nos hábitos e nas vestimentas simples e sem vaidade. Um verdadeiro exército de formiguinhas trabalhadeiras que lotam todos os espaços disponíveis, e convivem em uma comunidade aberta aparentemente sem grandes barreiras ou tensões. Os chineses andam em geral em bandos, falam e riem alto, parecendo divertir-se uns com os outros. Eles lotam todos os lugares públicos, das ruas aos museus e palácios. Com frequência olhavam e se aproximavam de nós com uma curiosidade divertida, sobretudo fora de Pequim. O nível devida em geral é bem simples. Todos trabalham muito e ganham pouco, vivendo sem luxo algum. Acho que o livro de Henfil na China (1980) descreve bem essa realidade. Só que nós visitamos o país depois da Coca-Cola, bebida frequentemente servida aos visitantes à uma temperatura ambiente de quase 40°C! Para os chineses, ela é um luxo caríssimo, que raramente podem comprar. Usam uma moeda diferente dos estrangeiros, que vale muito menos e não pode

ser utilizada nas lojas da "Amizade", usualmente localizadas nos grandes hotéis para estrangeiros cujo nome é "Friendship Hotel". Nós ficamos nesses hotéis enormes e austeros, construídos na década de 50-60, era dos acordos Sino-Soviéticos.

Comparando com a realidade que Henfil descreveu, sinto que o discurso ideológico mudou muito, havendo uma atitude de simpatia e mesmo namoro com a sociedade capitalista ocidental.

Participamos de uma excursão organizada pela "Associação Chinesa de Ciência e Tecnologia (CAST)" para os participantes da reunião da ISSBD. Acompanhados por guias do CAST, que nos davam explicações sobre vários aspectos da China, sua organização social, sistemas de educação e saúde, investimento em ciência e tecnologia, etc.. visitamos Pequim, Xian, Guilin e Guangzhou (Cantão). Essa excursão ofereceu também oportunidade para continuar as conversas informais e discussões de trabalho com colegas participantes do Congresso, além da possibilidade única de conhecer mais de perto a antiga cultura chinesa e a realidade atual e os problemas desse grande país.

A China é um caleidoscópio entre o antigo e o moderno. Construções estão sendo feitas em todas as partes para abrigar as massas. A visão geral é de pobreza e de sério investimento para garantir emprego, alimentação, saúde e educação para uma população de mais de um bilhão de pessoas, cujo crescimento eles procuram de todas as formas controlar.

O contraste com as riquezas do império que reinou até o começo deste século é gritante.

Em Pequim, além do Mausoléu de Mao, nós visitamos a Cidade Proibida, residência dos imperadores, o seu Palácio de Verão, e um pouco mais ao norte, em direção à Mongólia, a Grande Muralha da China. Fomos de avião para Xian onde visitamos o Exército de Terracota, centenas de estátuas de mais de dois metros, com características individuais incríveis tanto nas feições e expressões faciais, como nas roupas próprias de cada batalhão e nas posições variadas de combate. Com cavalos, carros de combate e armas, esses guerreiros guardavam o túmulo do Imperador Qin Shi Huang, que há quase dois mil anos atrás unificou a China.

Guilin fica mais ao sul perto da fronteira com o Vietname desde há muito constitui um dos locais preferidos pelos turistas e sobretudo pintores chineses. Parece uma aquarela com sua paisagem cheia de montanhas e grutas azuis. Levaram-nos para um cruzeiro de um dia no belíssimo rio Lin que serpenteia entre as montanhas. Pudemos observar que a vida longe da cidade continua como há milhares de anos, com imensas plantações de arroz, búfalos aquáticos e o tráfego tranqüilo de barcos de bambu e das balsas no rio.

A excursão terminou em Guangzhou (Cantão), antigo enclave dos ocidentais na China, local onde iniciaram a destruição do império chinês pelo ópio. Aí sente-se de forma mais intensa a influência ocidental capitalista. Constitui o ponto de entrada da China mais próximo de Hong Kong, para onde seguimos de trem. Esta é uma cidade ultramoderna, agressiva, capital do consumo, que causou-me algum choque e mal-estar após a tranqüilidade e segurança sentida em toda a China. De certa forma, trouxe-me de volta à nossa realidade, após uma magnífica excursão por esse grande país.

Fazendo uma avaliação final da viagem, posso dizer que o mundo como que se expandiu para mim, tanto em termos pessoais como profissionais. As

realizações e o potencial do povo japonês e chinês exigem que passemos a incluí-los dentre os nossos interlocutores cujos trabalhos devemos acompanhar e com quem poderemos inclusive desenvolver projetos em colaboração.

BIBLIOGRAFIA

- AINSWORTH, M.D.S.; BLEHAR, M.C.; WATERS, E.; WALL, S. (1978) *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- AZUMA, H. (1982) Current trends in studies of behavioural development in Japan. *International Journal of Behavioural Development*, 5, 153-170.
- HENFIL (1980). *Henfilna China: antes da Coca-Cola*. Rio de Janeiro: Codecri.
- LIU FAN (1982) Developmental psychology in China. *International Journal of Behavioural Development*, 5, 391-412.
- ROSSETTI FERREIRA, M.C. (1986). *Mãe & Criança/Separação & Reencontro* São Paulo: Edicon.
- STEVENSON, H.; AZUMA, H. & HAKUTA, K. (1986). *Child development and education in Japan*. New York: W.H. Freeman.

Texto recebido em 10/02/88.